

CORREIO ECONÔMICO



Divulgação site Indústria Hoje

Mercado favorável impulsiona produção de montadoras

Montadoras 'comemoram' alta de 24,7% na produção

Reflexo direto da expansão do crédito, do emprego e da renda, além do aumento de entregas pelas locadoras (renovação da frota), a produção das montadoras de veículos registrou alta de 24,7% em outubro último, no comparativo anual, com exportações e importações apresentaram desempenho positivo. No ano, a produção acumulada atingiu 8,9%,

perfazendo 2,12 milhões de veículos. Segundo balanço, divulgado nessa quarta-feira (6), pela Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), ao informar que, no mês passado, saíram das fábricas 249,2 mil unidades (carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus). As vendas do setor já superaram níveis pré-pandemia.

Maior da década

Em outro tópico do estudo, a associação observa que as vendas de outubro (264,9 mil veículos), foram as maiores para o mês, em uma década.

No comparativo anual, os emplacamentos avançaram 21,6%, e de 12,1%, ante setembro. No ano, a alta chega a 15%.

Elevação anual

Montante mais elevado, desde maio do ano passado, as exportações totalizaram 43,5 mil veículos em outubro, uma elevação anual de 39,2%. Ante setembro, as vendas externas subiram 4,6%. Nos primeiros dez meses do ano, foram embarcados 327,8 mil veículos.



Divulgação Enel - SP

Penalização da concessionária de energia paulista é a 3ª

Por mau serviço, Procon-SP multa Enel em R\$ 13,3 milhões

Más prestações de serviço, durante os apagões, no dia 11 de outubro, que deixaram 3,1 milhões de clientes sem energia elétrica na região metropolitana da Capital paulista, problema que ainda se estender por vários dias. Sob este argumento, a Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado de São Paulo

(Procon-SP) aplicou, nessa segunda-feira (4), uma multa de R\$ 13,3 milhões à Enel-SP. Em resposta, a concessionária de energia emitiu nota, em que não informa se pagará a multa, preferindo manter o discurso de que seguirá "investindo para minimizar o impacto no serviço frente ao avanço dos eventos climáticos".

IGP-DI acelera

Após subir 1,03% em setembro, o IGP-DI (Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna) acelerou 1,54% em outubro, divulgou, nessa quarta-feira (6), a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com o resultado, o indicador agora acumula alta de 4,70% no ano e 5,91% em 12 meses.

Três altas

Os três indicadores que compõem o IGP-DI tiveram alta no mês passado: O IPA-DI (atacado), cresceu 2,01%, ante de 1,20% em setembro. O IPC-DI (varejo), subiu 0,30%, recuou 0,63% em setembro, e o INCC-DI (construção) cresceu 0,68% em outubro, e 0,58% em setembro.

Queda livre

Queda livre exibiu o aluguel residencial no país, em outubro, ao despenhar 0,89%, após alta de 0,33% em setembro, pelo IVAR (Índice de Variação de Aluguéis Residenciais), divulgado, nessa quarta (6) pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas.

São Paulo

Entre as capitais, o destaque do IVAR coube ao aprofundamento da queda do aluguel residencial em São Paulo, de 0,49% em setembro, para 1,13%, em outubro. No Rio de Janeiro, houve inversão, de uma alta de 0,56% para um recuo de 3,18%, no comparativo mensal.

Como esperado, Copom eleva Selic a 11,25% ao ano

Por unanimidade, colegiado aumentou taxa básica em 0,5 p.p.

Divulgação site CBIC

Por Marcello Sigwalt

Como era amplamente esperado (e precificado, inclusive) pelo mercado, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom/BC) decidiu, por unanimidade, elevar em meio ponto percentual (0,5 p.p.) a taxa básica de juros (Selic), que subiu de 10,75% ao ano para 11,25% ao ano.

Em seu comunicado, o comitê aponta que "o cenário [doméstico] segue marcado por resiliência na atividade, pressões no mercado de trabalho, hiato do produto positivo, elevação das projeções de inflação e expectativas desancoradas, o que demanda uma política monetária mais contracionista".

Mais adiante, o colegiado acentua que "considerando a evolução do processo de desinflação, os cenários avaliados, o balanço de riscos e o amplo conjunto de informações disponíveis, o Copom decidiu, por unanimidade, elevar a taxa básica



Mais importante que a elevação de 0,5 p.p. da Selic é o viés de alta da taxa

de juros em 0,50 ponto percentual, para 11,25% a.a., e entende que essa decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da meta ao longo do horizonte relevante. Sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços,

essa decisão também implica suavização das flutuações do nível de atividade econômica e fomento do pleno emprego".

Ainda sobre a economia tupiniquim, o comitê admite que "o conjunto dos indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho

segue apresentando dinamismo. A inflação cheia e as medidas subjacentes se situaram acima da meta para a inflação em divulgações recentes".

O Copom admite que "o ambiente externo permanece desafiador devido à conjuntura econômica incerta nos Estados Unidos.

'Efeito Trump' deixa futuros sem direção

Por Marcello Sigwalt

Com a 'ponta curta' registrando elevação - com a reprecificação dos juros dos EUA, após a vitória eleitoral do republicano Donald Trump - enquanto a longa exibiu retração - como reflexo do ajuste de posição dos investidores pelo mesmo motivo do pleito - os juros futuros encerraram a sessão desta quarta-feira (6) sem direção única.

Como reflexo do novo cenário trazido pela mudança política na maior economia do planeta, a taxa do DI com vencimento para janeiro de 2026 avançou de 12,85%, do ajuste anterior, para 12,975%; a do DI de janeiro de 2027 subiu de 12,975% a 13,035%; a do DI de janeiro de 2029 em que moderada, passou de 12,995% a 12,99%; a do Di de janeiro de 2031 baixou de 12,92% para 12,89%.e a do Di de janeiro

de 2031 mingou de 12,92% a 12,89%.

Em contraponto à trajetória errática das taxas futuras, nos EUA, as taxas dos títulos do Tesouro americano (Treasuries) apresentaram forte alta, em toda a extensão da curva, no final da tarde. Prova disso é que o rendimento da T-note de dois anos 'inflava' de 4,195% a 4,287%, ao passo que, na longa, a taxa do título de dez anos saltava de 4,287% para 4,444%.

Mereceu destaque o reconhecimento do investidor, desde o início da sessão, do bom desempenho dos ativos brasileiros ante seus pares emergentes, ao longo da sessão.

Na avaliação do estrategista-chefe para mercados emergentes do Deutsche Bank, Drausio Giacomelli, o 'leve' posicionamento e os níveis elevados dos juros futuros domésticos explicam o movimento da curva doméstica hoje.

Bolsa cai 0,24%, mas aos 130 mil pontos

Reprodução site Vermelho.org



Efeito Trump levou a recuo moderado do Ibovespa

Os sinais de que a vitória de Donald Trump pode ser completa, com controle da Câmara e do Senado pelos republicanos, tiveram o efeito inicial esperado sobre os ativos brasileiros nesta quarta-feira que precede a decisão do Copom, à noite, e do Federal Reserve, amanhã: elevação do dólar a R\$ 5,86 na máxima do dia, avanço da curva de juros doméstica e retração do Ibovespa. Tais movimentos, contudo, foram moderados ou inteiramente revertidos ainda na virada da manhã para a tarde, colocando o dólar em baixa de 1,26%, a R\$ 5,6759, no fechamento da sessão.

Na B3, o índice de referência encerrou hoje em leve baixa de 0,24%, aos 130.340,92 pontos, entre mínima de 128.822,16 e máxima de 130.669,69 pontos, à tarde, tendo saído de abertura aos 130.613,17 pontos. O giro foi reforçado a R\$ 24,5 bilhões. No exterior, o dia foi de

avanço generalizado da moeda americana e de valorização do bitcoin, principal criptomoeda, pela primeira vez negociado a US\$ 75 mil. O fortalecimento do dólar resultou, inicialmente, em depreciação de commodities como o petróleo, com efeito para as ações de Petrobras,

que chegaram a cair mais de 1%, mas encerraram não muito distantes da estabilidade (ON -0,10%, PN +0,03%), com a mitigação do ajuste de preços no Brent, em Londres, e no WTI, em Nova York.

O minério de ferro cedeu nesta quarta-feira pós-eleitoral,

com perdas que chegaram a 2% em Cingapura - em Dalian, China, o ajuste ficou em -0,76% na sessão. Destaque para Metalúrgica Gerdau (+9,15%) e Gerdau (PN +9,61%) após a divulgação de resultados trimestrais. Na ponta oposta do Ibovespa, vieram Carrefour (-3,63%), CSN (-3,01%).

Com a percepção de que o segundo governo Trump será deficitário, inflacionário e protecionista, os rendimentos dos Treasuries subiram agudamente na sessão, em paralelo a avanço entre 2,53% (S&P 500) e 3,57% (Dow Jones) para os principais índices de ações em Nova York. O Federal Reserve, conforme se espera, deve ainda cortar a taxa de juros americana em 0,25 ponto percentual na reunião desta quinta-feira, mas a avassaladora vitória de Trump pode resultar em um grau maior de cautela pela autoridade monetária.

Superávit comercial bate US\$ 4,3 bi

A balança comercial brasileira registrou superávit comercial de US\$ 4,343 bilhões em outubro.

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) divulgados nesta quarta-feira, 6, o valor foi alcançado com exportações de US\$ 29,462 bilhões e importações de US\$ 25,119 bilhões.

Saldo positivo de US\$ 63 bi

Na última semana de outubro, o superávit foi de US\$ 594 milhões, com vendas de US\$ 4,488 bilhões e compras de US\$ 3,891 bilhões. No ano, o saldo positivo é de US\$ 63,022 bilhões.

O resultado do último mês veio pouco abaixo da mediana das expectativas do mercado financeiro apontada no Projeções Broadcast, de superávit

de US\$ 4,663 bilhões, após o saldo positivo de US\$ 5,363 bilhões em setembro.

As projeções para o mês passado variavam de US\$ 3,8 bilhões a US\$ 6,0 bilhões.

Em outubro, as exportações registraram baixa de 0,7% na comparação com o mesmo período em 2023, devido a queda de US\$ 0,82 bilhões (-12,8%) em Agropecuária; recuo de US\$ 1,08 bilhão (-14,5%) em Indústria Extrativa e crescimen-

to de US\$ 1,7 bilhões (10,9%) em produtos da Indústria de Transformação.

As importações tiveram aumento de 22,5% em outubro ante o mesmo mês do ano passado, com alta de US\$ 0,11 bilhões (32,6%) em Agropecuária. Houve queda de US\$ 0,16 bilhões (-9,6%) em Indústria Extrativa e crescimento de US\$ 4,66 bilhões (25,5%) em produtos da Indústria de Transformação.